

MODERNIZAÇÃO E TURISMO NA REGIÃO DAS ÁGUAS QUENTES - GOIÁS, 1970-2010¹

Hamilton Afonso de Oliveira

Professor do curso de História da Universidade Estadual de Goiás/Unidade
Universitária de Morrinhos-Go (UEG) – hamiltonafonso@bol.com.br

RESUMO – O presente trabalho pretende fazer uma reflexão sobre o processo de desenvolvimento do turismo como sendo uma atividade que surgiu com o advento da sociedade industrial capitalista, que acabou criando as pré-condições para que o turismo se desenvolvesse ao estabelecer a separação entre o tempo de trabalho e tempo de lazer e, distinguir os espaços do trabalho e os espaços reservados ao lazer e entretenimento àqueles que podem viajar e comprar pacotes turísticos. Desta forma, as condições para que o turismo se desenvolvesse além de mudanças na cultura e mentalidade, a viabilização dos meios de transportes, especialmente, o rodoviário e, principalmente, as políticas de modernização da agricultura e pecuária que foram implementadas a partir da década 1960 que associada à construção e transferência da capital federal para Brasília acelerou o processo de urbanização, aumento da capacidade produtiva e a viabilização do desenvolvimento da atividade turística no Estado de Goiás, especialmente, na região das águas quentes.

PALAVRAS-CHAVES – Goiás, Modernização, Turismo e Caldas Novas-GO.

ABSTRACT - This paper aims to reflect on the process of developing tourism as an activity that came with the advent of industrial capitalist society, which ended up creating the preconditions for tourism to be developed to establish the separation between time work and leisure time, and distinguish the work spaces and the spaces reserved for leisure and entertainment for those who can travel and buy tour packages. Thus, the conditions for tourism to develop in addition to changes in culture and mentality, the viability of the means of transport, especially the road and especially the policies of modernization of agriculture and livestock that were implemented from the 1960's that associated with the construction and transfer of the federal capital Brasília for the accelerated process of urbanization, increase production capacity and facilitating the development of tourism in the State of Goiás, especially in the area of warm water.

KEYWORDS - Goiás, Modernization, Tourism and Caldas Novas GO.

¹ O presente trabalho é resultado preliminar de projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), contemplado no Edital 008/2010 intitulado “História, Modernização, Urbanização e Turismo na região das águas quentes, 1970-2010.”

INTRODUÇÃO

Utilizando-se de dados censitários e econômicos a presente pesquisa pretende fazer uma análise das transformações econômicas e culturais que propiciaram o desenvolvimento do turismo em Goiás, a partir da década de 1970, tendo como eixo de estudo e reflexão a região das águas quentes que compreendem atualmente os municípios de Caldas Novas e Rio Quente.

Partindo das reflexões preliminares, a pesquisa se desdobra em duas etapas: primeira, utiliza-se de pesquisa bibliográfica e de resultados de recenseamentos econômicos e demográficos, com o objetivo de fazer uma análise do processo histórico de desenvolvimento do turismo de lazer e entretenimento na região das Águas Quentes (Caldas Novas e Rio Quente) estendendo o período até 2010, ano de realização do último recenseamento do IBGE.

Neste trabalho também utilizou-se de dados pesquisados e que não foram abordados anteriormente, bem como, de informações da Embratur, Instituto Mauro Borges/SEGPLAN, Boletim de Dados do Turismo em Goiás, produzidos pela IPTUR (Diretoria de Pesquisas Turísticas). (no período de 1960-2010, através da perspectiva da história econômica e demográfica). Em primeiro lugar, embora tenha como ponto de partida Caldas Novas e Rio Quente, a proposta de análise é comparativa em que visa acompanhar o desenvolvimento destes municípios que se tornam os principais polos de atração turística do Estado de Goiás com os municípios mais importantes da região sul de Goiás, especialmente, com os limítrofes.

Foram (ou serão) considerados na análise para efeito de estudo comparativo os municípios de Ipameri, Marzagão, Buriti Alegre, Goiatuba, Itumbiara, Morrinhos e Piracanjuba. Os resultados levam(rão) em consideração os dados demográficos, econômicos, com destaque, para o desenvolvimento da atividade agropastoril, o produto interno bruto, o número de estabelecimentos comerciais/industriais e os empreendimentos turístico-hoteleiro.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é delinear a partir do ponto de vista histórico o desenvolvimento do turismo de lazer e entretenimento na região das águas quentes, a partir da segunda metade do século XX, especialmente, após construção e transferência da Capital Federal para Brasília. A intenção é mostrar que o desenvolvimento do turismo está associado à implementação dos meios de transportes, meios de comunicação, modernização e urbanização, condições que começaram a se

consubstanciar em Goiás somente a partir da década de 1960, quando se tem início a implementação de políticas públicas que por um lado visavam a modernização do campo e, por outro, fomentar o desenvolvimento da atividade turística em Goiás. Desta forma, gradativamente o turismo acabou se constituindo na principal atividade econômica da cidade de Caldas Novas em detrimento do setor agropecuário.

TURISMO UMA ATIVIDADE ECONÔMICA E CULTURAL DA SOCIEDADE INDUSTRIAL CAPITALISTA

Devido à sua complexidade, o turismo tem sido objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento e, cada ciência, tem analisado o fenômeno turístico com certa particularidade. Para os economistas, o turismo é visto como uma atividade econômica muito importante na atualidade e que tem como principal objetivo, analisar os seus efeitos materiais na produção de riquezas e geração de empregos na localidade em que se desenvolve; as ciências sociais enfatizam as interações e sociabilidades que ocorrem entre os visitantes e os residentes e suas consequências nas mudanças nos padrões de comportamento e na ressignificação dos valores; a psicologia destaca os diferentes formas e padrões de comportamentos estabelecida na interação entre o visitante e o núcleo receptor e a estabelecer o perfil psicográfico dos turistas; a geografia é uma área do conhecimento que tem se destacado na análise e interpretação do turismo com destaque para a distribuição espacial da oferta turística e os impactos sociais e ecológicos provocados pelo turismo (REJOWSKY, 1999; ASCÂNIO, 1992).

O historiador, por sua vez, ao pensar e refletir sobre o fenômeno do turismo, deve preocupar em fazer um diálogo com as demais áreas do conhecimento, para saber como, o turismo, enquanto objeto de estudo tem sido analisado e interpretado, especialmente, no que diz respeito à sua caracterização e definição. Pensar o turismo historicamente deve-se, em primeiro lugar levar em consideração que, muito raramente pode falar em viagem turística direcionada exclusivamente ao lazer e entretenimento antes da consolidação dos meios de transportes modernos que passaram a possibilitar viagens mais rápidas, seguras e confortáveis. Segundo o historiador Eric Hobsbawm a viagem turística é

essencialmente um produto da estrada de ferro, barco a vapor e da nova magnitude e rapidez das comunicações postais. Os homens pobres das cidades viajavam por necessidade, mas raramente por prazer. A aristocracia

viajava muito por razões não utilitárias, mas de uma forma que não tem nada a ver com o turismo moderno. [...] O *Grand tour* dos jovens nobres ainda não implicava no Grand Hotel do turismo da era capitalista, em parte porque esta instituição ainda estava se desenvolvendo – mais ou menos em conexão com a estrada de ferro. (HOBSBAWM, 1988, p.216)

As viagens durante muito tempo eram consideradas, em sua grande maioria, coisa de aventureiros e desbravadores. As viagens turísticas, ao contrário, se desenvolvem com o advento da sociedade industrial capitalista, e era a princípio um privilégio de poucos, restrito aos ricos e à emergente classe média burguesa. Portanto, fora deste contexto era inconcebível ante desta época, associar as viagens turísticas com negócios, ciência, religiosidade e cura. Portanto, do ponto de vista historiográfico, deve-se evitar generalizações, pois nem toda viagem pode ser classificada como turística, mesmo, na atualidade. Por isso, faz-se necessário distinguir o turista, do comerciante, que viaja somente por motivo lucrativo; do emigrante cuja viagem não é agradável e nem pretendida; daquele que viaja por necessidade e por sobrevivência; do peregrino ou romeiro, que viaja para pagar uma promessa e sua viagem é marcada penitência e sacrifício; do viajante, aquele que chega sem saber ao certo aonde vai ou quanto tempo vai ficar em uma determinada localidade e, que, se mistura com as populações locais, bebendo seus costumes e vivendo suas vidas. (OLIVEIRA, 2001)

A história do naufrágio do Titanic em 1912 nos revelam dois tipos de viajantes bem distintos: o turista, que estava na primeira e segunda classe do navio e eram compostos de aristocratas ingleses e norte-americanos e pessoas que foram convidadas para participar do tour de inauguração do navio, cujo trajeto estava previsto para ser realizado em tempo recorde; e os viajantes da terceira classe, grande número de imigrantes que vivendo em condições miseráveis, partiam em direção aos Estados Unidos com o intuito de construir uma nova vida, mas, o destino final foi trágico e doloroso para centenas de famílias que tiveram parentes mortos naquele acidente.

O turista é aquele que quer sair momentaneamente da rotina do dia-a-dia e, deseja distanciar-se por alguns momentos de sua vida rotineira sem poder fugir do cotidiano das populações visitadas. Geralmente, procuram viajar de forma muito confortável para os espaços e lugares que são devidamente escolhidos e preparados para recebê-los. Espaços para serem contemplados ou que podem oferecer-lhe prazer, entretenimento e descanso. O turista segundo Jonh Urry procura encontrar nestes espaços “uma expectativa [...] de devaneio e fantasia [...] veem os lugares como objetos que são construídos como signos ou clichês turísticos.” (URRY, 1996, 18) Trata-se de

espaços muitas vezes com uma autenticidade encenada, uma vez que, são cuidadosamente preparados para que a autenticidade e a realidade não se apresentem com toda a autenticidade. O que ocorre em determinados espaços reservados para receber os turistas é uma inautenticidade de realidade (URRY, 1996).

A questão da inautenticidade ou autenticidade encenada não pode ser relacionada, especificamente, ao desenvolvimento do turismo. Na verdade, trata-se de uma prática já existente desde o século XIX, que surgiu *a priori*, como uma estratégia para a consolidação de uma sociedade mais laica e com o sentimento de pertencer a uma coletividade maior que é a nação. “As sociedades que se desenvolveram a partir da Revolução Industrial, acabaram sendo obrigadas a inventar, instituir ou desenvolver novas redes de convenções e rotinas com uma frequência maior do que antes” (HOBSBAWN; RANGER, 2002, p.11).

Por tradições inventadas Eric Hobsbawn e Terence Ranger caracterizam como sendo

construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e de determinado tempo.[...] **Trata-se** de um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regra tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica automaticamente; uma continuidade (bastante artificial) em relação ao passado. (HOBSBAWN; RANGER, 2002, p.09)
(grifo nosso)

Para Hobsbawn (2002) a invenção de novas tradições é uma característica bastante presente em sociedades que estão passando por profundas e rápidas transformações provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo, trata-se, de uma tentativa de adaptação das novas tradições com as velhas tradições. Com a ampliação da participação popular no processo político – política de massas – “os governantes e observadores da classe média redescobriram a importância dos elementos irracionais na manutenção da estrutura da ordem social” (HOBSBAWN; RANGER, 2002, p.276). Dentre as medidas adotadas foram: a ampliação do sistema público de ensino, através da criação dos institutos de ensino, com o objetivo de transformar os camponeses em cidadãos franceses e republicanos; a invenção das cerimônias públicas com o objetivo de reunir manifestações oficiais e não oficiais e festividades populares, periódicas, com feriados e seguindo um calendário de festividades; e, a produção em massa de monumentos públicos.

Criados com o objetivo de propagar e despertar o sentimento de identidade e nacionalidade, as cerimônias, as festividades e, sobretudo, os monumentos se tornaram,

em muitos casos, símbolo nacional. Eventos que tinham a finalidade de atrair os olhos e a atenção da multidão autóctone se converteram, posteriormente, em atrativos turísticos. No século XX, com os meios de comunicação de massa e, diante das novas possibilidades de atrair turistas eventos e festas tradicionais começaram (re)inventadas e revigoradas. A reorganização e revitalização dos centros urbanos tinham a intenção de propagar, também, o espírito da modernidade acabou se torando em uma nova e extraordinária forma de atrair turistas e consumidores. Enquanto que “a urbanização ocidental emergiu no século XIX com base na produção e no comércio, as cidades turísticas, que surgiram a partir da segunda metade do século XX, se caracterizam como verdadeiros sítios de consumo” (MELO E SILVA, 1997, p.166).²

Desta forma, no decorrer do século XX as cidades começaram a passar por constantes intervenções nos centros urbanos, sendo uma iniciativa, a priori do poder público, calcado no discurso do sanitarismo e da modernidade, passaram a delimitar áreas de entretenimento (praças, clubes, shoppings, parques, praias etc.). Terrenos, que durante muito tempo, não eram valorizados tiveram seus preços supervalorizados da noite para o dia. No Brasil, as grandes metrópoles litorâneas como, Rio de Janeiro, Fortaleza, Recife, Salvador e Maceió, também são exemplos típicos de cidades que passaram por grandes transformações e intervenções ao longo do século XX, onde o intuito da motivação foi a possibilidade de exploração do mercado turístico. Nos espaços urbanos litorâneos, outrora, desvalorizados e ocupados secularmente por pequenas comunidades de pescadores, deram lugar às grandes avenidas, calçadas e grandes complexos hoteleiros e shoppings.

O espaço urbano de uma cidade tipicamente organizada para receber turistas pode ser também estruturado para causar uma boa impressão àquele que está de passagem momentânea pela cidade, como por exemplo, o embelezamento o ajardinamento de praças e bosques nas regiões centrais e litorâneas, bem como, a fetichização de grandes obras públicas e espaços como a Torre Eiffel em Paris, a Estátua da Liberdade em Nova Iorque, as pirâmides do Egito, o Palácio de Buckingham em Londres, o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, são exemplos de espaços e monumentos quem se tornaram “sagrados” e que atraem o olhar e despertam o desejo de visitá-los e tocá-los.

² MELLO E SILVA, Sylvio Bandeira. Turismo e Urbanização. In. RODRIGUES, Adyr Balasteri. Org. Turismo. Modernidade. Globalização. Ed. Hucitec: São Paulo, 1997. p. 166.

Além das transformações na paisagem urbana, na atualidade para estimular o desenvolvimento da atividade turística, o poder público e a iniciativa privada, tem construído também espaços encenados como parques temáticos e resorts como Disneylândia, Orlando, Beto Carreiro e o *Hot Park* da Pousada do Rio Quente que apresentam atrativos “encenados” dos mais variados, onde os espaços e as atrações artísticas são criados para agradar ao público que buscam diversão e entretenimento.

Outro fato é que, nos espaços reservados ao lazer e entretenimento em que o turismo se desenvolve em suas diversas dimensões, a dicotomia trabalho x lazer está presente. Para o morador da localidade a presença maciça de turistas representa trabalho, *stress*, repulsa, perda da identidade e privacidade enquanto que, o turista (especialmente, o turismo de massa) é considerado um “estrangeiro” no ambiente que o acolhe, em razão disso, sente-se muito a vontade, livre de suas obrigações cotidianas e, sobretudo, do controle moral de sua sociedade, podem conduzir muitos turistas a não respeitarem as regras morais de controle da localidade que o recebe. Podem cometer atos que vai desde o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e entorpecentes, ao histerismo coletivo, vandalismo e promiscuidade em vias públicas da cidade, sobretudo, nos grandes eventos como o carnaval e festas tradicionais como o Caldas Country que ocorre todos os anos na cidade de Caldas Novas.

Desta forma, o turismo antes de tudo, deve ser considerado fruto de um conjunto de transformações resultantes na economia e sociedade e, especialmente, na cultura que foram provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo. É resultado, por um lado, de uma mudança de mentalidade que estabeleceu o culto ao trabalho e o melhor aproveitamento do tempo que impôs a sistematização, a divisão do trabalho e a rígida disciplina do trabalho (THOMPSON,1998).

Ou seja, a expansão das relações capitalistas contribuiu também para o processo de monetarização das relações sociais de trabalho e a urbanização da sociedade. Os valores seculares e tradicionais do mundo rural, onde o tempo de lazer e de trabalho era regido pela natureza e tradições religiosas, deu lugar ao tempo regido e sincronizado pelo relógio, na distinção entre o tempo de trabalho e tempo de lazer e distinção dos espaços de trabalho e espaços de lazer e entretenimento, uma vez que, em um mundo tipicamente agrário marcado pela autossuficiência, não havia distinção clara entre o trabalho e o ócio. Lazer e trabalho estavam intimamente associados no universo cultural camponês, onde não havia uma delimitação clara entre o tempo de trabalho e o

tempo de lazer/ócio. Neste universo cultural, o camponês era o controlador do tempo que era regido pelo tempo da natureza.

Para que isto se consolidasse foi necessário, segundo E.P. Thompson (1998) a conversão de uma cultura agrária e de auto sustentabilidade para a cultura calcada nos de uma sociedade monetária e de consumo cujo tempo é regulado pelo relógio, que associado a mecanização do processo produtivo, primeiramente, nas linhas de produção das fábricas e, posteriormente, com a mecanização da produção agropastoril que ocorreu de forma mais veemente no século XX impôs a separação entre o tempo e o espaço de trabalho do tempo e espaço destinado ao descanso, lazer e entretenimento.

Desta forma, à medida que o trabalhador urbano adquiriu a consciência de que tempo é dinheiro e começou a lutar pela redução da jornada de trabalho e ao direito ao ócio (descanso semanal, férias e aposentadoria) o capitalista, começou também perceber que o tempo reservado ao ócio poderia ser um negócio lucrativo, condição essencial para alavancar o turismo como uma atividade econômica importante no mundo no século XX. Assim,

gradativamente, a modernização tecnológica – que possibilitou o aumento da produtividade e a redução da distância entre os povos – associada à garantia dos direitos trabalhistas (redução da jornada de trabalho, férias remuneradas e aposentadoria) e a política econômica de bem estar social empreendida a partir da década de 1930, possibilitaram o desenvolvimento do turismo (OLIVEIRA, 2001, p. 41).

Com a obtenção de intervalos mais prolongados de lazer e descanso e, sobretudo, com o aumento do poder aquisitivo dos salários, a classe trabalhadora começou também, a desejar e desfrutar do direito de viajar de férias para os balneários litorâneos possibilitou que o norte da Inglaterra fosse o pioneiro no desenvolvimento do turismo de massa. Alguns padrões, segundo Urry,

começaram a encarar as férias regulares como algo que contribuía para eficiência. Um traço característico das férias é que elas deviam ser gozadas coletivamente. A partir de 1860 as férias semanais passaram a implicar viagens para o litoral, longe dos lugares normais de residência (URRY, 1999, 38).

As lutas do movimento operário ao longo dos séculos XIX e XX que resultou na constituição de uma legislação trabalhista em vários países do mundo ocidental garantiram na verdade, a reconquista do direito ao ócio. Os direitos trabalhistas podem ser interpretados de duas formas: de um lado, garantiu ao trabalhador a recompensa pelas horas de trabalho estafante que é obrigado ao suportar durante os anos de sua vida, por outro lado, para o empresário da “indústria” do turismo a possibilidade de novos

investimentos em atividades de lazer e entretenimento. Ou seja, ao longo do processo histórico de desenvolvimento do capitalismo, além da capitalizar as relações socioeconômicas, ocorre também, a capitalização do tempo reservado ao ócio em que, os sentimentos e as emoções humanas em parte, acabam sendo, canalizados e apropriados pelo capital.

Nesta perspectiva, as primeiras agências de viagens surgiram na Europa, após a experiência de Thomas Cook na Inglaterra. De caráter predominantemente privado em 1863, surgiram os clubes alpinos da Itália e Suíça; em 1878 o Tourings Clubs, em Londres; em 1890 em Paris; e na Itália em 1894. O primeiro clube de camping surge em Londres em 1901. Nesta fase o turismo centraliza-se na Suíça, Itália e Áustria, os países alpinos e França como caminho. Por fim no começo do século XX, o turismo se consolida como uma importante atividade econômica, resultando na criação de organismos nacionais de turismo. Em 1910 surge *el Office National du Tourisme*, na França; e a *Fremdverkerministerium*, na Áustria, em 1918, a *Office National Suisse de Tourisme* e a *Ente Nazionale italiano*.(HOCES, 1969, p.28)

Na Europa, a partir da segunda metade do século XIX, a constituição dos espaços destinados ao ócio tornou-se comuns. As estâncias hidrotermais, que antes eram frequentadas com fins terapêuticos tornaram-se sofisticados centros de lazer e entretenimento e glamour pela diversidade de opções de lazer que poderiam oferecer com destaque para os cassinos – ícone da modernidade – que reinava de forma absoluta.

No Brasil segundo Adyr Balastrieri (1997) o turismo aristocrático teve seu início somente na primeira metade do século XX, com destaque para os seguintes grandes empreendimentos: no Rio de Janeiro o Hotel Copacabana Palace e o Quitandinha; em Araxá, O Grande Hotel. A época áurea do termalismo no Brasil se deu nas décadas de 1920, 1930 e 1940. As estâncias eram consideradas ao mesmo tempo centros de saúde e tratamento e locais de entretenimento e lazer que tinham nos cassinos e bordéis as suas principais atrações.

Neste período, em razão das grandes dificuldades de acessibilidade, Caldas Novas tinha um movimento incipiente e, as pessoas que visitavam a cidade a viam quase que exclusivamente para tratamento de saúde. Embora nunca tenha se consolidado com uma grande infraestrutura de referência para tratamento terapico, a cidade, somente começou a passar por profundas transformações a partir da década de 1970, quando se desenvolveu, um turismo de massa voltado exclusivamente para o lazer e entretenimento.

Desta forma, gradativamente o capitalismo no seu processo de expansão acabou delimitando as fronteiras econômicas e culturais ao estabelecer e distinguir os espaços do trabalho destinados à produção de bens de consumo e de capital e as áreas de produção agropastoril e matérias-primas e, por outro, os espaços designados ao descanso, lazer e entretenimento àqueles que podem adquirir e comprar os pacotes turísticos para viajar a lugares que podem lhe representar a fuga da rotina e da vida agitada do trabalho. Nestes espaços, o tempo do ócio acaba também por se constituir no tempo do trabalho e do dinheiro, uma vez que, para os empresários do setor turístico a presença de um grande volume de turistas significa lucro, enquanto que, para o trabalhador dos empreendimentos turísticos representam trabalho.

MODERNIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM CALDAS NOVAS-GO

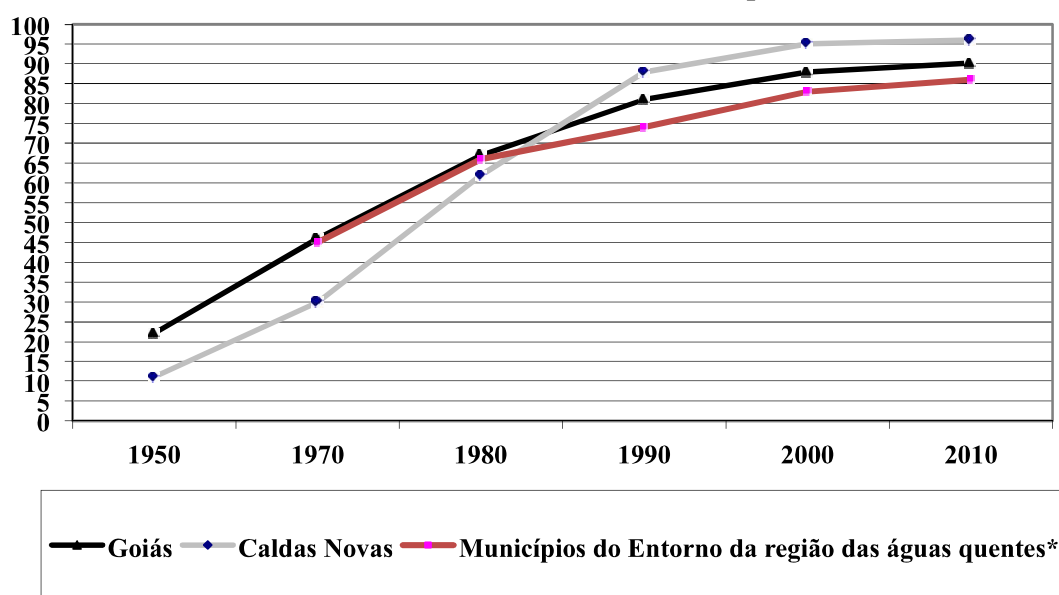
As transformações socioeconômicas e culturais essenciais ao desenvolvimento do turismo que tiveram início na Europa e Estados Unidos a partir do século XIX, somente começaram a ser percebidas no Brasil no século XX, mais precisamente após a década de 1950. Em Goiás, a construção e transferência da capital federal para Brasília, cidade que foi pensada e planejada para ser a capital do Brasil e que seguiu estilos arquitetônicos e urbanísticos modernos, também, pode ser interpretada como um espaço para ser contemplado, na verdade, uma obra de arte ao ar livre com seus monumentos e sede do poder pode, de forma direta e indireta, atrair um significativo fluxo turístico para o Estado de Goiás.

Além do mais o estabelecimento da capital federal no Planalto Central do Brasil pode ser considerado como marco importante na aceleração do desenvolvimento do Estado de Goiás. Além de uma maior inserção do Estado nos quadros da economia nacional e internacional, as políticas de modernização - desenvolvimento dos meios de transportes, comunicação, mecanização do campo e industrialização – pode ser considerado um marco importante para criar as pré-condições que resultaram na transformação da paisagem urbana e rural e, sobretudo, as transformações socioeconômicas e culturais que possibilitaram o incremento do turismo, a partir da década de 1960, na região das águas quentes que compreende atualmente os municípios de Caldas Novas e Rio Quente.

O desenvolvimento que esta associado a toda uma conjuntura internacional, uma vez que, conforme bem frisou Oliveira “entre os anos de 1965 a 1999, o turismo no mundo teve uma taxa de crescimento na ordem de 420%” (OLIVEIRA, 2001, p. 67) O turismo a partir de meados do século XX, tornou-se um grande negócio e passou a atrair investimentos de vários setores. Diante das perspectivas lucrativas, de geração de empregos e pelo fato da atividade movimentar diversos setores da economia, a partir do regime militar (1964-1985) o turismo passou a ser considerado como uma “indústria” de base e, por isso, passou a receber uma série de incentivos fiscais e fomentos para a construção de grandes empreendimentos turísticos no Brasil.

Foi a neste contexto histórico que, Caldas Novas e Rio Quente, gradativamente foram deixando de ser espaço um espaço tipicamente agrário e cujo valor das águas termais estava associado ao seu valor medicinal e terapêutico, tornando-se gradativamente em espaços reservado ao lazer e entretenimento, um objeto de desejos e fantasias para muitos turistas oriundos de em sua maioria dos grandes centros de Goiás, Brasília, São Paulo e Minas Gerais. A política de modernização acelerou por um lado, o êxodo rural, e com a mecanização do campo contribuiu para o aumento da capacidade produtiva do Estado em grãos e, também, do rebanho bovino. E por outro, criou as condições para o desenvolvimento da atividade turística nos municípios de Caldas Novas e Rio Quente.

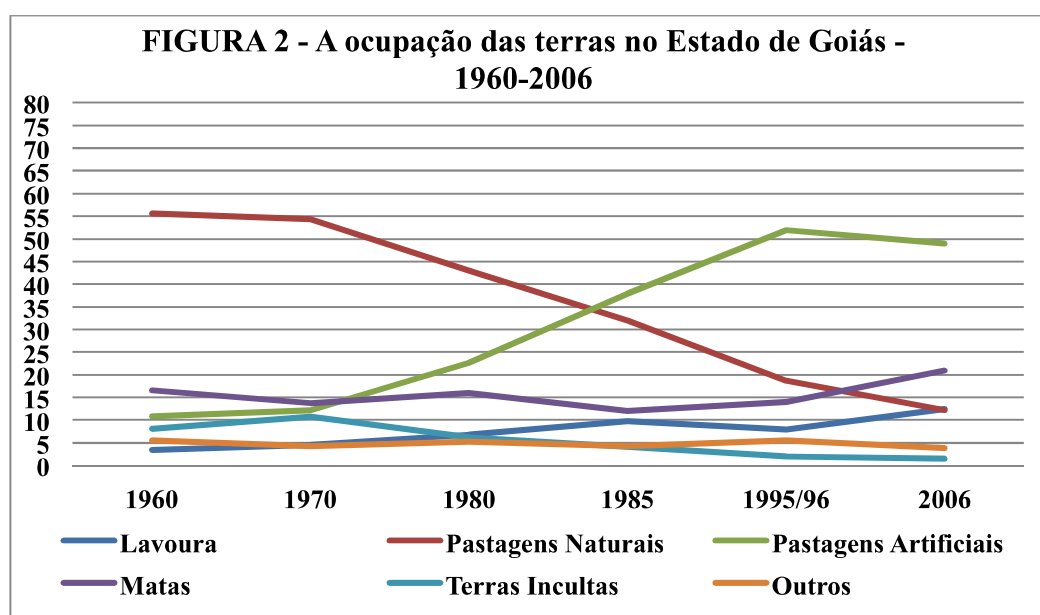
FIGURA 1 - Taxa de Crescimento da População Urbana



Fonte: Censos do IBGE e SEGPLAN

* Compreende os municípios de Ipameri, Marzagão, Morrinhos, Piracanjuba e Rio Quente.

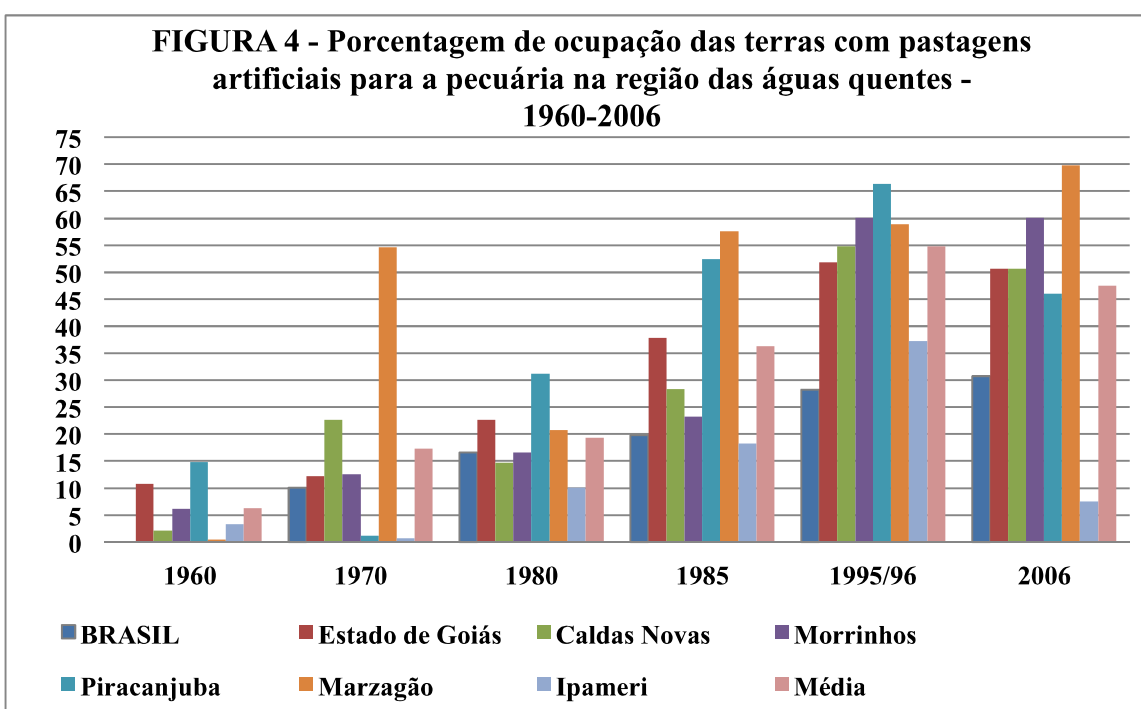
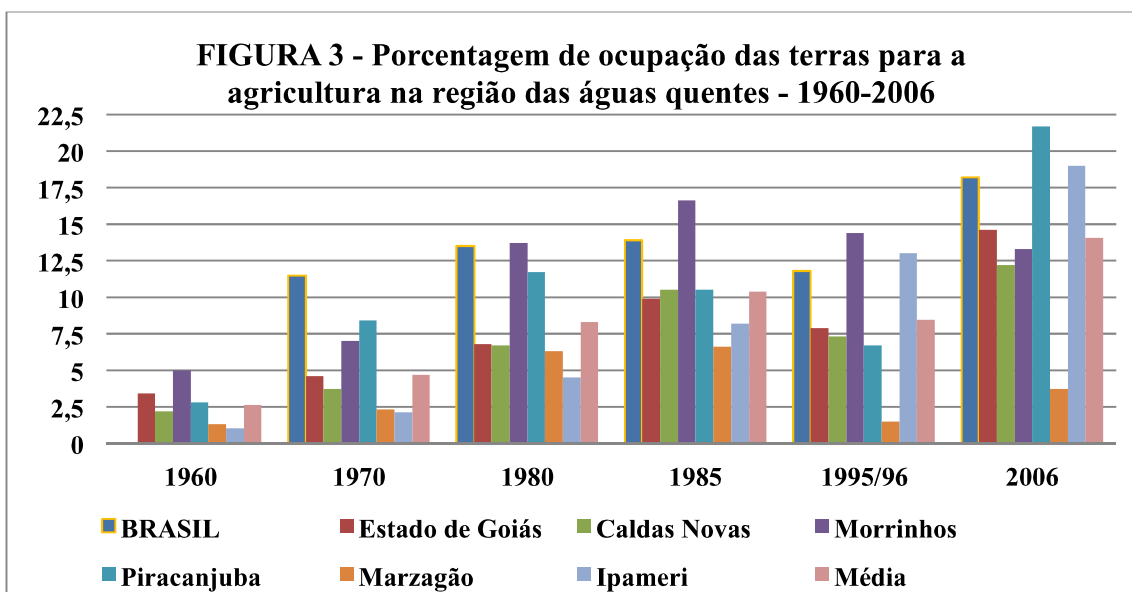
Conforme os recenseamentos do IBGE entre os anos de 1950 a 2010, ocorreu uma celerado processo de urbanização da sociedade brasileira. Em Goiás, o movimento de migração do homem do campo para as cidades ganhou força a partir da década de 1970. Enquanto que na década de 1950, apenas 22% da população goiana vivia nas cidades, em 2010, este índice excedeu 90%; Caldas Novas, também seguiu esta tendência, em 1950, possui apenas 11% dos moradores residindo em áreas urbanas, em 2010, este índice elevou-se a 96%. Índice superior à média do Estado de Goiás e dos municípios do entorno da região das águas quentes. Entre os anos de 1950 a 2010, ao mesmo tempo em que ocorreu a modernização do campo, o desenvolvimento da atividade turística ganhou muita força em Caldas Novas e Rio Quente e o turismo se a partir da década de 1980, a principal geradora de divisas e que impulsionou o crescimento demográfico e econômico da cidade de Caldas Novas em relação às cidades vizinhas.



Fonte: IBGE – Censos agropecuários de 1960, 1970, 1980, 1985, 1995/96 e 2006. Disponíveis no site: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>

A implementação das políticas de modernização empreendida após a década de 1960, conforme os dados dos censos agropecuários percebeu-se que ao longo de mais e quatro décadas houve um intenso processo de ocupação das terras para a lavoura e, principalmente, para a pecuária em Goiás. As áreas ocupadas com lavoura tiveram um crescimento de 4,3% na década de 1960 para 12,6% em 2006; já área de pastagens naturais reduziu de 54,3% para 12,2% em 2006; já a área com pastagens plantadas, ao contrário, cresceu de 12,2% para 49% em 2006. Tendência que se percebeu no Brasil,

nos municípios vizinhos à região das águas quentes como Morrinhos Ipameri, Marzagão e Piracanjuba e, também, em Caldas Novas e Rio Quente.



Fonte: IBGE – Censos agropecuários de 1960, 1970, 1980, 1985, 1995/96 e 2006.

Disponíveis no site: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>

Fonte: IBGE – Censos agropecuários de 1960, 1970, 1980, 1985, 1995/96 e 2006.

Disponíveis no site: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>

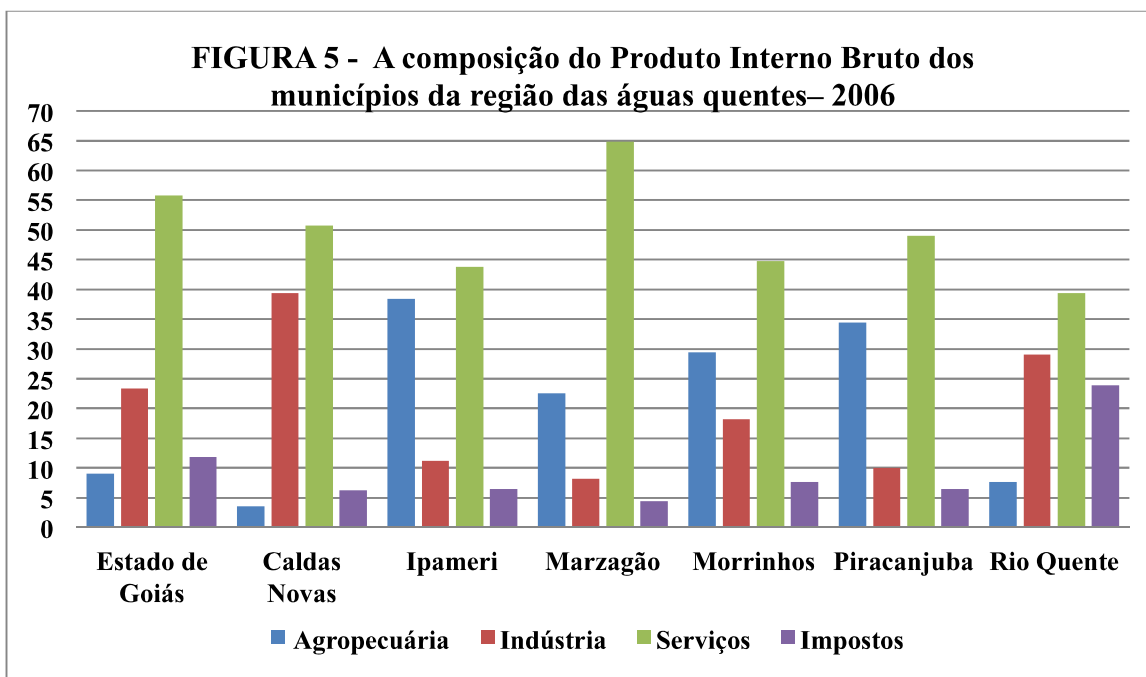
Apesar de o turismo ter se tornado a principal atividade econômica dos municípios que compõem a região das águas quentes, houve um relativo crescimento de áreas de cultivo dedicadas à agricultura e pecuária, conforme, dados dos censos agropecuários dispostos nas figuras 3 e 4. Pode-se concluir que paralelamente ao desenvolvimento da atividade turística em Caldas Novas houve, também, o crescimento

da produção agropastoril, principalmente, nas décadas de 1990 e 2000, com destaque para a ampliação da ocupação das terras com pastagens artificiais, o que pressupõe que houve um grande crescimento da pecuária no município neste período.

Conforme os dados dos recenseamentos, em meados da década de 1990, houve uma queda geral na ocupação das propriedades com áreas de pastagens artificiais e de lavoura. Fato que pode estar relacionado com a paridade cambial com o estabelecimento do plano real, que pode ter comprometido o volume das exportações dos produtos da agropecuária para o exterior. Conforme a disposição dos dados, o Brasil, Goiás e todos os municípios arrolados na Figura 3, redução na área de ocupação agrícola, exceto o município de Ipameri que manteve sempre no decorrer das décadas uma posição ascendente. Por outro lado, na Figura 4, percebe-se que este município teve área reduzida no plantio de pastagens naturais, ao contrário, do Brasil, Goiás e dos demais municípios analisados. Isto leva a concluir que, com a crise no setor agrícola, ocorreu o crescimento de investimentos na ampliação de pastagens e no rebanho bovino, exceto no município de Ipameri.

Na primeira década do século XXI, conforme o recenseamento agropecuário do ano de 2006 ocorreu ao contrário, o crescimento médio da área de cultivo de lavoura que saltou de 8,47% em 1995/96 para mais de 14%; já a pecuária teve a área de pastagem reduzida de 54,8% para 45,5% em 2006. O município de Morrinhos foi o único que manteve a área de pastagem estável, mas, a área destinada à lavoura sofreu um pequeno decréscimo de quase 1% em relação aos anos de 1995/96. Marzagão manteve taxa ascendente no plantio de pastagens destinadas à pecuária, mas, a área de cultivo sofre uma significativa redução entre os anos de 1985 a 2006. Caldas Novas apesar de sua consolidação como principal polo turístico de Goiás acompanhou a tendência do mercado agropastoril, mantendo uma significativa área de ocupação de terras dedicadas ao cultivo de lavouras e pastagens para a criação de gado. O que comprova que, apesar do crescimento da importância da “indústria” do turismo nos municípios da região das águas quentes, a produção agropastoril teve um crescimento expressivo e, em conformidade com as taxas de ocupação do Estado de Goiás e Brasil.

No entanto, a participação da agropecuária no PIB (Produto Interno Bruto) não era expressiva, nos municípios de Caldas Novas e Rio Quente, se comparado com os demais municípios tradicionalmente voltados para a produção agropastoril. Conforme Figura 5 abaixo:



Fonte: Segplan - GO / Sepin / Gerência de Contas Regionais e Indicadores – 2006. Disponível no site: <http://www.imb.go.gov.br/>.

Conforme dados do Instituto Mauro Borges/SEGPLAN, no ano de 2006, apesar do significativo aumento de área de terras destinadas à lavoura e pastagens, a participação da agropecuária no PIB de Caldas Novas e Rio Quente era pouco expressiva em se comparado com os demais municípios vizinhos e de vocação agropastoril. Em Caldas Novas, no ano de 2006, a agropecuária teve uma participação de apenas 3,6% do PIB, Rio Quente, foi de apenas 7,6%. Enquanto que nos municípios vizinhos de Ipameri, Marzagão, Morrinhos e Piracanjuba a participação média da agropecuária era de aproximadamente de 30% do PIB. A indústria, onde também está inserida a atividade turística representava 39,4% do PIB de Caldas Novas e 29,1% de Rio Quente. O setor de serviços correspondia respectivamente a 50,7% e 39,4%. O turismo além de ter contribuído para o crescimento do Produto Interno Bruto destes municípios, também, foi impulsionador do crescimento demográfico. Caldas Novas era, em 2006 a 13.^a economia do Estado de Goiás, muito à frente de Ipameri, Morrinhos e Piracanjuba que, outrora, foram cidades bem mais importantes economicamente para o Estado de Goiás.

Percebe-se que a partir da década de 1960 ocorreu uma política nacional que tinham como objetivo alavancar, por um lado, o desenvolvimento industrial e por outro, aumentar a capacidade produtiva agropastoril através de incentivos fiscais com o objetivo de estimular a mecanização do campo. Isso acabou surtindo efeito com a

ampliação das áreas destinadas à lavoura e à pecuária, conforme nos mostrou os recenseamentos agropecuários de 1960 a 2006. Paralelamente às políticas de incentivos fiscais que visavam estimular o desenvolvimento industrial e a modernização do campo, os governos federal e estadual deram início a viabilização de uma série de medidas com o objetivo também de fomentar o desenvolvimento da atividade turística em algumas regiões do Estado, especialmente, em Caldas Novas que se consolidou como o principal espaço de lazer e entretenimento da região Centro-Oeste (BORGES, 2000; OLIVEIRA, 2001).

Em Goiás enquanto as políticas de modernização, implementadas com mais propriedade a partir da década de 1970 ampliaram por um lado a fronteira e a produção agropastoril, por outro lado, possibilitaram que os municípios de Caldas Novas e Rio Quente se tornassem importantes centros turísticos com a utilização do complexo hidrotermal para fins de lazer e entretenimento, deixando no passado e na memória dos antigos a imagem associada ao uso medicinal e terapêutico do uso das águas termais que eram veiculados nos relatos de viajantes e memorialistas, pelos jornais, música, poesia, etc. da época.

Os municípios de Caldas Novas e Rio Quente entre os anos de 1970 a 2010 foram os que tiveram as maiores taxas de crescimento, conforme os censos do IBGE produzidos no período. Se por um lado, a região das águas quentes se tornou espaço de lazer e entretenimento para os turistas, por outro, oferece novas oportunidades e empregos que atraem milhares de migrantes dos municípios vizinhos e de outros estados que se deslocam em busca de trabalho e passam a residir de forma definitiva em Caldas Novas e Rio Quente, o que explica o elevado índice de crescimento demográfico nestes municípios.

Quadro 1 – População recenseada na região das águas quentes e entorno – 1970-2010

Município	1970	1980	1990	2000	2010	T. de Cresc.
Caldas Novas	8630	9616	24159	49642	70473	816,6%
Rio Quente	-	-	837	2097	3312	395,7%
Ipameri	17152	15746	20754	22569	24735	44,21%
Marzagão	894	955	1405	1921	2072	131,7%
Morrinhos	31672	28093	32592	36926	41460	30,9%
Piracanjuba	19339	18981	22889	23539	24026	24,24%

Fonte: Recensamentos demográfico do IBGE de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010, disponíveis no site: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>.

Conforme dados do IBGE, Caldas Novas e Rio Quente em 40 anos tiveram os maiores índices de crescimento na ordem de 816,6% e 396,7% respectivamente. O

município de Marzagão, por ser influenciado indiretamente, pelo turismo obteve um crescimento de 131,7% na sua população residente. Os demais municípios do entorno, cuja estrutura socioeconômica é predominantemente voltada para a agropecuária (e agroindústria) tiveram um crescimento médio de 32,78%. Provavelmente, uma parcela significativa de habitantes destes municípios aos longo dos últimos 40 anos passaram a residir de forma definitiva em Caldas Novas e Rio Quente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados preliminares apontam que o turismo, no sentido contemporâneo do termo, é uma atividade que emergiu com o advento da sociedade industrial capitalista, portanto, é inconcebível historicamente considerar sua existência em outros tempos, uma vez, que somente a partir dos fins do século XVIII, é que teve início o aparecimento das pré-condições – urbanização e desenvolvimento dos meios de transportes/comunicação e a consolidação das leis trabalhistas – para o seu surgimento. No entanto, o turismo se desenvolve com grande vigor no mundo somente no século XX com o desenvolvimento dos transportes rodoviário, naval e aéreo e, sobretudo, com o advento dos meios de comunicação de massa como o rádio, a televisão e a internet.

Em Goiás as pré-condições para o desenvolvimento do turismo somente começaram a ser criadas a partir da década de 1950, mais, precisamente década de 1970, quando o poder público, federal e estadual começaram a empreender uma série de medidas, que associadas aos planos nacionais de desenvolvimento da indústria e da agropecuária, acabaram dando a sustentabilidade e o início dos primeiros grandes empreendimentos turísticos na região das águas quentes, que compreende atualmente, os municípios de Caldas Novas e Rio Quente.

Os resultados preliminares mostram que, ao mesmo tempo em que Goiás ampliou sua capacidade produtiva agropastoril e industrial, criou-se as condições para que o turismo se desenvolvesse, especialmente, nos municípios de Caldas Novas e Rio Quente que são na atualidade os principais polos turísticos do Estado. Mesmo nestes municípios a agricultura e pecuária se desenvolveram de forma significativa em consonância com os ritmos de crescimento do Brasil, Goiás e das cidades circunvizinhas de Morrinhos, Marzagão, Piracanjuba e Ipameri.

O que pressupõe que o turismo foi e continua sendo a principal mola propulsora do desenvolvimento, produção de riqueza e geração de divisas para os

municípios de Caldas Novas e Rio Quente. No entanto, o desenvolvimento do turismo de forma desenfreada e sem planejamento tem trazido profundas consequências de ordem social, cultural e ambiental, nestes municípios que não exploram de forma racional e com propriedade os seus recursos naturais e que serão demonstrados posteriormente no decorrer da continuidade da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Vicente de. *Turismo: Fundamentos e Dimensões*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

ASCANIO, Alfredo. *Turismo: La ciencia social de los viajes. Estudios y Perspectivas en Turismo*. Buenos Aires, Ciet, 1992, v.1, n.º03.

BARRETO, Margarita; BURGOS, Raúl; FRENKEL, David. *Turismo, políticas públicas e relações internacionais*. Campinas: Papyrus, 2003.

DE LA TORRE, Oscar. *El turismo fenómeno social económico e científico*. México: Textos universitários, 1949.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital*. 4.ª edição, Ed. Paz e Terra: São Paulo, 1988.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Ed. Paz e Terra: São Paulo, 2002.

HOCES, Ricardo de La Cierva Y de. *Turismo: Teoria, Técnica e Ambiente*. Editorial River, S.A. Calle de Carretas, 14 Madrid, 1969.

MELLO E SILVA, Sylvio Bandeira. *Turismo e Urbanização*. In. RODRIGUES, Adyr Balasteri. Org. Turismo. Modernidade. Globalização. Ed. Hucitec: São Paulo, 1997

OLIVEIRA, Hamilton Afonso de. *Uma reflexão histórica do turismo: o caso Caldas Novas - 1970-1990*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2001.

REJOWSKI, Mirian. *Turismo e Pesquisa Científica: Pensamento Internacional X Situação Brasileira*. Campinas, SP: Papyrus, 3.ª Edição, 1999.

RODRIGUES, Adyr Balasteri. Org. *Turismo, Modernidade e Globalização*. Ed. Hucitec: São Paulo, 1997.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum –Estudos sobre cultura popular*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

URRY, John. *O Olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas*. São Paulo:Nobel, 1996.

FONTES DE BASE DE DADOS E DOCUMENTAIS

Censo agropecuário de 1960, 1970, 1980,1985, 1995/96 e 2006 disponíveis no site: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>.

Banco de dados do IBGE e do Instituto Mauro Borges/SEGPLAN. Disponíveis no site: <http://www.seplan.go.gov.br>